

JÚLIO VERNE

Leitura  
recomendada  
3.º ciclo

# A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS



Tradução do francês  
de Tiago Marques

# Índice

Prefácio

– 13 –

I

*Onde Phileas Fogg e Passepartout se aceitam mutuamente,  
um como senhor, o outro como criado*

– 17 –

II

*Onde Passepartout se convence de que encontrou  
por fim o seu ideal*

– 24 –

III

*Onde ocorre uma conversa que poderá custar caro a Phileas Fogg*

– 30 –

IV

*Onde Phileas Fogg surpreende Passepartout, seu criado*

– 40 –

V

*Onde uma nova ação aparece na praça de Londres*

– 45 –

VI

*Onde o detetive Fix revela uma impaciência  
bastante legítima*

– 50 –

VII

*Onde mais uma vez se atesta a inutilidade  
dos passaportes em matéria de polícia*

– 57 –

VIII

*Onde é possível que Passepartout  
fale mais do que deveria*

– 61 –

IX

*Onde o mar Vermelho e o mar das Índias se mostram  
propícios aos desígnios de Phileas Fogg*

– 67 –

X

*Onde Passepartout se dá por satisfeito em safar-se  
só perdendo os sapatos*

– 75 –

XI

*Onde Phileas Fogg compra uma montada  
a um preço extraordinário*

– 83 –

XII

*Onde Phileas Fogg e os seus companheiros se aventuram  
pelas florestas da Índia e o que daí resulta*

– 95 –

XIII

*Onde Passepartout prova mais uma vez  
que a sorte sorri aos audazes*

– 105 –

XIV

*Onde Phileas Fogg desce o admirável vale do Ganges  
sem sequer pensar em vê-lo*

– 115 –

XV

*Onde o saco com as notas se alivia de mais alguns  
milhares de libras*

– 124 –

XVI

*Onde Fix parece desconhecer completamente aquilo  
que lhe é contado*

– 133 –

XVII

*Onde se trata de várias coisas durante a viagem  
entre Singapura e Hong Kong*

– 141 –

XVIII

*Onde Phileas Fogg, Passepartout e Fix vão tratar  
dos seus assuntos, cada um para seu lado*

- 150 -

XIX

*Onde Passepartout se interessa vivamente  
pelo amo e o que daí decorre*

- 157 -

XX

*Onde Fix se dirige diretamente a Phileas Fogg*

- 167 -

XXI

*Onde o dono do Tankadere se arrisca a perder  
uma recompensa de 200 libras*

- 176 -

XXII

*Onde Passepartout descobre que até nos antípodas  
é prudente ter algum dinheiro no bolso*

- 187 -

XXIII

*Onde o nariz de Passepartout cresce  
desmesuradamente*

- 197 -

XXIV

*Onde se realiza a travessia do oceano Pacífico*

– 206 –

XXV

*Onde se fica com uma ideia de São Francisco  
em dia de comício*

– 214 –

XXVI

*Onde se apanha o comboio expresso  
do caminho de ferro do Pacífico*

– 223 –

XXVII

*Onde Passepartout segue, a uma velocidade  
de 20 milhas por hora, uma aula de história mórmon*

– 231 –

XXVIII

*Onde Passepartout não foi capaz de transmitir  
a força da razão*

– 240 –

XXIX

*Onde se fará o relato de diversos incidentes  
que só ocorrem nas vias-férreas americanas*

– 252 –

XXX

*Onde Phileas Fogg cumpre  
simplesmente o seu dever*

– 262 –

XXXI

*Onde o inspetor Fix leva muito a sério  
os interesses de Phileas Fogg*

– 272 –

XXXII

*Onde Phileas Fogg se empenha  
numa luta direta contra o azar*

– 281 –

XXXIII

*Onde Phileas Fogg se mostra à altura das circunstâncias*

– 287 –

XXXIV

*Onde Passepartout tem a oportunidade de fazer  
um trocadilho atroz mas talvez inédito*

– 298 –

XXXV

*Onde Passepartout não espera  
que o amo repita a ordem que lhe dá*

– 303 –

XXXVI

*Onde Phileas Fogg torna a subir na bolsa*

– 310 –

XXXVII

*Onde se prova que a volta ao mundo não trouxe  
mais do que felicidade a Phileas Fogg*

– 315 –



## Prefácio

**E**m 1828 nascia o escritor francês Jules Gabriel Verne, mais conhecido entre nós como Júlio Verne. Apreciador de viagens, chegou a passar por Lisboa quando, aos 50 anos, partiu da capital portuguesa em direção a Argel, a bordo do seu veleiro. Morreu 27 anos mais tarde, não sem ter feito amizade com os grandes do seu tempo, como o escritor Alexandre Dumas.

Admirado pelos seus romances de aventuras baseados nos avanços científicos do século XIX, Verne é considerado um dos pais da ficção científica. Em 1863 via a luz do dia o seu primeiro livro, *Cinco Semanas em Balão*, e a maior parte da sua produção posterior (mais de seis dezenas de romances e quase 20 contos) foi publicada numa coleção especialmente criada para o efeito: *Viagens Extraordinárias*. Escritor prolífico, produziu ensaios, peças de teatro, poemas e canções, mas dedicou-se sobretudo aos romances. Estes últimos, cuja ação se passa geralmente na segunda metade de Oitocentos, são

profundamente documentados e têm como principais temáticas as viagens e a exploração geográfica, a apologia da ciência e os avanços tecnológicos. É nesta linha que se inserem os seus títulos mais célebres, como *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, *Viagem ao Centro da Terra*, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, *A Ilha Misteriosa* e *Michel Strogoff*, mas é certo que produziu livros de pendor mais fantasista, como *Da Terra à Lua*. Não é possível falar da sua obra sem mencionar a sua criatividade, o seu carácter pioneiro ao associar aventura, fantástico e ficção científica, e a sua previsão de invenções científicas que se concretizariam ao longo do século xx (os elevadores, os submarinos, os transatlânticos, os helicópteros, as naves espaciais, a Internet e as armas de destruição maciça, para só referir algumas).

*A Volta ao Mundo em 80 Dias* é desconhecido de muito poucos. Dado à estampa sob a forma de folhetim em 1872, foi publicado em livro no ano imediatamente a seguir. O romance conta as peripécias do cavalheiro inglês Phileas Fogg e do seu criado francês Jean Passepartout, tendo como premissa uma aposta arriscadíssima e que o título da aventura já deixa entrever. Ao longo das páginas, torna-se evidente que a viagem relatada só é possível graças ao advento da Revolução Industrial, nomeadamente pelo desenvolvimento dos caminhos de ferro e dos barcos a vapor. No entanto, os imprevistos — intemporais e universais — obrigarão os protagonistas a recorrer a praticamente todos os meios de transporte conhecidos do Homem até àquele momento. Pelo caminho, destacam-se tópicos como a distância e o tempo, o exotismo, a honra pessoal e até o povo britânico

com o seu suposto apego ao rigor. Além de outros livros, esta aventura inspirou bandas desenhadas, peças teatrais, séries de televisão, desenhos animados e até videojogos (o último dos quais em 2014, uma aplicação para smartphones chamada «80 Days»). Das adaptações cinematográficas, salientam-se a de Michael Anderson (de 1956 e com David Niven, Cantinflas e Shirley MacLaine, agraciado com o Óscar de Melhor Filme) e a de Frank Coraci (de 2004, com Jackie Chan, Steve Coogan e Cécile de France).

Júlio Verne, dono de uma obra hoje mundialmente famosa e um dos escritores mais traduzidos do planeta, afirmou numa entrevista já no final da carreira: «O meu maior desgosto é não ter conseguido ocupar um lugar na literatura francesa.» É verdade que este escritor, que desejava divulgar ao público os mais recentes avanços científicos e as respetivas aplicações técnicas no contexto do progresso e do avanço da Humanidade, não integra — situação idêntica, de resto, à do seu amigo Alexandre Dumas — o aclamado cânone erigido por certos intelectuais segundo parâmetros por si estabelecidos. Verne esteve, no entanto, na origem tanto de histórias cuja vitalidade as fez chegar aos nossos dias por vários meios quanto de protagonistas que se tornaram verdadeiros símbolos (como Phileas Fogg, Michel Strogoff e o capitão Nemo), alimentando o imaginário de várias gerações de leitores, futuros escritores e aventureiros — caso de Iuri Gagarin, que confessou ter-se tornado astronauta graças à obra verniana.

Pois o propósito do livro que agora tem entre mãos é perpetuar a transmissão deste valioso património — numa

linguagem moderna mas respeitadora da época em que o texto foi escrito —, fazendo-o chegar aos leitores do século XXI que, libertos da artificialidade de uma divisão em faixas etárias, se sentem unidos na ânsia de aventura e evasão.

*Tiago Marques*

*Onde Phileas Fogg e Passepartout  
se aceitam mutuamente, um como senhor,  
o outro como criado*

**N**o ano de 1872, a residência número 7 de Saville Row, Burlington Gardens — casa em que Sheridan morrera em 1814 —, era habitada por Phileas Fogg, *esquire*, um dos membros mais singulares e notados do Reform Club de Londres, embora parecesse esforçar-se por nada fazer que pudesse chamar a atenção.

Herdeiro de um dos maiores oradores que fazem a honra de Inglaterra, Phileas Fogg era uma personagem enigmática da qual nada se sabia, salvo que era um homem extremamente galante e um dos mais belos cavalheiros da alta sociedade inglesa.

Dizia-se que tinha parecenças com Byron — relativamente à fisionomia, pois era irrepreensível quanto aos pés —, mas um Byron de bigode e suíças, um Byron impassível, que teria vivido mil anos sem envelhecer.

Inglês, seguramente, Phileas Fogg talvez não fosse londrino. Nunca fora visto na Bolsa, nem no banco, nem em

nenhum dos cafés da *City*. Nem as bacias nem as docas de Londres tinham jamais recebido um navio que tivesse Phileas Fogg como armador. Este cavalheiro não figurava em nenhuma comissão de administração. O seu nome nunca fora ouvido num escritório de advogados, nem no Temple, nem no Lincoln's Inn, nem no Gray's Inn. Nunca pleiteara no Tribunal da Chancelaria, nem no Tribunal da Coroa, nem no Tribunal do Tesouro, nem no Tribunal Eclesiástico. Não era industrial, nem negociante, nem mercador, nem agricultor. Não fazia parte do Instituto Real da Grã-Bretanha, nem do Instituto de Londres, nem do Instituto dos Artesãos, nem do Instituto Russell, nem do Instituto Literário do Oeste, nem do Instituto de Direito, nem do Instituto das Artes e Ciências Reunidas, patrocinado diretamente por Sua Graciosa Majestade. Também não pertencia a nenhuma das inúmeras associações que se multiplicam na capital de Inglaterra, do Grémio da Harmónica à Sociedade de Entomologia, fundada principalmente com o objetivo de erradicar insetos perniciosos.

Phileas Fogg era membro do Reform Club, nada mais.

Em resposta a quem se admire que um cavalheiro tão misterioso esteja entre os membros desta respeitável associação, diremos que foi admitido graças à recomendação do Barings Bank, estabelecimento em que dispunha de crédito. Esta certa fiabilidade devia-se ao facto de os seus cheques serem regularmente pagos à vista, por débito da sua conta-corrente invariavelmente guarnecida.

Era rico este Phileas Fogg? Incontestavelmente. Mas a forma como fizera fortuna era desconhecida até dos mais

bem informados, e o Sr. Fogg era a última pessoa a quem convinha fazer perguntas a esse respeito. Em todo o caso, embora não mostrasse prodigalidade, não era avaro, pois, sempre que se revelava necessário contribuir para algo nobre, útil ou generoso, ele não deixava de o fazer sem alarde e até de modo anônimo.

Em suma, este cavalheiro era extremamente discreto. Falava o mínimo possível e parecia tão misterioso quanto silencioso. Apesar de a sua vida ser pública, o que ele fazia era sempre tão exatamente o mesmo que as imaginações, descontentes, se punham a trabalhar.

Tinha viajado? Provavelmente, já que ninguém conhecia melhor o mapa do mundo. Não havia lugar suficientemente recôndito para escapar ao seu conhecimento especial. Por vezes, com poucas palavras, breves e claras, retificava as histórias que circulavam no clube a respeito de viajantes perdidos ou extraviados; indicava as verdadeiras probabilidades, e as suas palavras pareciam frequentemente inspiradas por uma força transcendente, de tal forma os acontecimentos acabavam sempre por lhe dar razão. Era um homem que devia ter conhecido os quatro cantos do globo — pelo menos em espírito.

No entanto, certo era que havia longos anos que Phileas Fogg não abandonava Londres. Aqueles que tinham a honra de o conhecer um pouco melhor asseguravam que ninguém podia afirmar tê-lo visto noutra sítio — exceto no caminho direto que percorria diariamente da sua casa ao clube. Os seus passatempos resumiam-se a ler os jornais e a jogar *whist*. Ganhava muitas vezes neste jogo de silêncio, tão adequado

à sua natureza, mas os proventos nunca lhe entravam nos bolsos e constituíam uma soma avultada no seu orçamento para caridade. Aliás, é preciso notá-lo, era evidente que o Sr. Fogg jogava por jogar, não para ganhar. Para ele, o jogo era um combate, uma luta contra uma dificuldade, mas uma luta sem movimento, sem deslocação, sem fadiga, e isso convinha à sua personalidade.

Não se conheciam a Phileas Fogg mulher ou filhos (situação de que nem os mais respeitáveis estão isentos), parentes ou amigos (o que, na verdade, já é mais raro). Phileas Fogg vivia sozinho na sua casa de Saville Row, onde ninguém penetrava. O interior desta última era completamente desconhecido. Um único criado bastava para o servir. Almoçando e jantando no clube a horas cronometricamente determinadas, na mesma sala, à mesma mesa, não recebendo os colegas nem convidando nenhum desconhecido, só voltava a casa para dormir, precisamente à meia-noite, sem nunca recorrer aos confortáveis quartos que o Reform Club punha à disposição dos seus membros. Das 24 horas, eram apenas dez as que passava em casa, quer a dormir, quer a tratar da *toilette*. Quando passeava, era invariavelmente a um passo uniforme e apenas no átrio assoalhado ou na galeria circular, por cima da qual se erguia uma cúpula de vitrais azuis suportada por 20 colunas jónicas de pórfiro vermelho. Quando jantava ou almoçava, eram as cozinhas, a despensa, a copa, a peixaria e a leitaria do clube que lhe forneciam as suas succulentas reservas; eram os criados do clube, graves personagens vestidas de negro e cujos sapatos tinham solas de felpe, que o serviam em porcelanas especiais e admiráveis toalhas de linho



de Saxe; eram os cristais únicos do clube que continham o seu xerez, o seu porto ou o seu clarete com canela, avenca e cinamomo; era também o gelo do clube — importado a grandes custos dos lagos da América — que conservava as suas bebidas num satisfatório estado de frescura.

Se viver em tais condições é ser-se excêntrico, é forçoso admitir que a excentricidade é bem agradável!

A casa de Saville Row, sem ser sumptuosa, oferecia um extremo conforto. Aliás, dados os hábitos invariáveis do seu morador, o serviço não era muito. Todavia, Phileas Fogg exigia do único criado que tinha uma pontualidade e uma regularidade extraordinárias. Naquele mesmo dia, 2 de outubro, Phileas Fogg despedira James Forster — pois o rapaz cometera a falha de lhe ter levado água a 84 graus Fahrenheit, em vez de 86, para fazer a barba — e aguardava o seu sucessor, que devia apresentar-se entre as 11h00 e as 11h30.

Phileas Fogg, perfeitamente sentado na sua poltrona, com os dois pés juntos como os de um soldado na parada, as mãos apoiadas nos joelhos, o corpo direito, a cabeça erguida, observava o avanço do ponteiro do relógio — aparelho complicado que indicava as horas, os minutos, os segundos, os dias da semana, os dias do mês e o ano. Ao soarem as 11h30, o Sr. Fogg devia, segundo o seu hábito diário, sair de casa na direção do Reform Club.

Nesse momento, bateram à porta da saleta onde se encontrava Phileas Fogg.

James Forster, o empregado despedido, apareceu.

— O novo criado — anunciou.

Um rapaz de cerca de 30 anos entrou e apresentou os seus cumprimentos.

— É francês e chama-se John? — perguntou-lhe Phileas Fogg.

— Jean, se o senhor não se importa — respondeu o recém-chegado. — Jean Passepartout, um apelido que me ficou e que justifica a minha aptidão natural para resolver complicações. Julgo ser um rapaz honesto, meu caro senhor, mas, para ser franco, tenho tido várias ocupações. Já fui cantor ambulante e cavaleiro de circo, onde fazia acrobacias como Léotard e dançava na corda bamba como Blondin. Depois tornei-me professor de ginástica, com o intuito de tornar os meus talentos mais úteis, e por fim fui sargento dos bombeiros em Paris. Tenho até no meu currículo incêndios de grande importância. Mas há cinco anos abandonei a França e, como desejava apreciar a vida de família, tornei-me criado de quarto em Inglaterra. Ora, uma vez que me encontrava desempregado e tive conhecimento de que o Sr. Phileas Fogg era o homem mais rigoroso e sedentário do Reino Unido, decidi apresentar-me em sua casa com a esperança de nela viver tranquilamente e até de esquecer o apelido «Passepartout»...

— Esse apelido não me incomoda — retorquiu o cavaleiro. — Foi-me bem recomendado. Tenho boas informações a seu respeito. Conhece as condições que ofereço?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Que horas tem?

— Onze horas e 22 minutos — informou Passepartout depois de tirar das profundezas do bolso um enorme relógio de prata.

— Está atrasado — disse o Sr. Fogg.

— Queira perdoar-me, mas é impossível.

— Está atrasado quatro minutos. Não é grave. Basta registrar a diferença. Portanto, a partir deste momento, 11h29 da manhã, quarta-feira, 2 de outubro de 1872, passa a estar ao meu serviço.

Dito isto, Phileas Fogg levantou-se, pegou o chapéu com a mão esquerda, pô-lo na cabeça com um movimento de autômato e desapareceu sem acrescentar mais nada.

Passepartout ouviu a porta da rua fechar-se uma primeira vez: era o novo amo que saía; depois uma segunda: era o predecessor, James Forster, que saía por seu turno.

Passepartout ficou sozinho na casa de Saville Row.

## II

### *Onde Passepartout se convence de que encontrou por fim o seu ideal*

**P**alavra de honra, pensou Passepartout, inicialmente um pouco aturdido, *já vi no museu de Madame Tussaud homens mais vivazes do que o meu novo amo!*

Convém explicar que os «homens» de Madame Tussaud são figuras de cera, bastante visitadas em Londres, e às quais só falta verdadeiramente falar.

Durante os breves instantes em que se encontrara na presença de Phileas Fogg, Passepartout examinara, rápida mas cuidadosamente, o seu futuro senhor. Era um homem que podia ter 40 anos, de figura nobre e agradável, alto, com um ligeiro excesso de peso que não lhe ficava mal, de cabelo e barba loiros, testa lisa sem sinais de rugas nas têmporas, mais pálido do que corado, dotado de dentes magníficos. Parecia possuir no mais alto grau aquilo a que os fisionomistas chamam «repouso na ação», faculdade comum a todos aqueles que agem mais do que falam. Calmo, fleumático, de olhar límpido, pálpebras imóveis, era o arquétipo dos

ingleses de sangue-frio que com tanta frequência se encontram no Reino Unido e cuja postura algo acadêmica Angelica Kauffmann maravilhosamente reproduziu nos seus quadros. Considerado no contexto dos diversos atos da sua existência, aquele cavalheiro dava a ideia de um ser equilibrado sob todos os pontos de vista, ponderado na medida certa, tão perfeito quanto um cronómetro de Leroy ou Earnshaw. E, efetivamente, Phileas Fogg era a personificação do rigor, o que se via claramente na expressão dos seus pés e mãos, pois, tanto nos homens como nos animais, até os membros são órgãos que expressam paixões.

Phileas Fogg era uma daquelas pessoas matematicamente rigorosas que, nunca com pressa e sempre preparadas, economizam passos e movimentos. Não dava uma passada a mais e tomava sempre o caminho mais curto. Não desperdiçava tempo a olhar para o teto. Não se permitia nenhum gesto supérfluo. Nunca fora visto comovido ou perturbado. Era o homem mais calmo do mundo, mas nunca deixava de chegar a horas. Todavia, compreender-se-á que vivesse sozinho e, por assim dizer, isento de relações sociais. Ele sabia que, na vida, é preciso ter em conta os atritos e, como os atritos provocam atrasos, não contactava com ninguém.

Quanto a Jean, de apelido Passepartout, um verdadeiro parisiense que morava em Inglaterra havia cinco anos e tinha em Londres a ocupação de criado de quarto, procurara em vão um amo a quem pudesse afeiçoar-se.

Passepartout estava longe de ser um Frontin ou um Mascarille que, com um ar empertigado, de nariz para o alto, olhar seguro e sereno, não passam de cínicos manhosos.

Não. Passepartout era um bom rapaz, de fisionomia amável, lábios ligeiramente salientes, sempre disponíveis para a degustação ou para a carícia, um ser afável e prestável, com uma bela cabeça redonda como aquelas que gostamos de ver sobre os ombros de um amigo. Tinha olhos azuis, tez corada, era suficientemente nutrido para conseguir ver as próprias maçãs do rosto, exibia um peito largo, uma cintura sólida, uma musculatura vigorosa, e possuía uma força hercúlea que os exercícios da sua juventude tinham desenvolvido admiravelmente. O seu cabelo castanho não era fácil de domar. Se os escultores da Antiguidade conheciam 18 formas de apresentar a cabeleira de Minerva, Passepartout só conhecia uma para arranjar a sua: passava o pente três vezes e estava pronto.

No entanto, a prudência mais elementar não permitia dizer se o caráter expansivo deste rapaz se adequaria ao de Phileas Fogg. Seria Passepartout o criado por natureza ríginoso necessário àquele senhor? A resposta só viria com a experiência. Depois de ter tido, como sabemos, uma juventude bastante vagabunda, aspirava ao sossego. Como ouvira gabar o caráter metódico dos ingleses e a proverbial frieza dos *gentlemen*, fora procurar fortuna em Inglaterra. Mas, até então, a sorte não lhe sorrira. Não pudera ganhar raízes em lado nenhum. Passara por dez casas. Em todas elas, os amos revelavam-se caprichosos, instáveis, aventureiros ou exploradores — o que já não convinha a Passepartout. O seu último amo, o jovem Lord Longsferry, membro do Parlamento, depois de passar as noites nos *oysters rooms* de Hay Market, com frequência regressava a casa às costas

de agentes da polícia. Como desejava acima de qualquer coisa poder respeitar o amo, Passepartout atreveu-se a fazer algumas observações respeitadas que foram mal recebidas, pelo que se demitiu. Entretanto, soube que Phileas Fogg, *esquire*, procurava um criado. Foi então informar-se a respeito daquele cavalheiro. Uma personagem cuja existência era tão rigorosa que não dormia fora de casa, não viajava e não se ausentava um dia que fosse — era precisamente o que buscava. Apresentou-se e foi admitido nas circunstâncias que já conhecemos.

Passepartout — tendo soado as 11h30 — encontrava-se, então, sozinho na casa de Saville Row. Não perdeu tempo a dar início à inspeção. Percorreu-a de cima a baixo. Aquela casa limpa, arrumada, severa, puritana, bem organizada para o serviço, agradou-lhe bastante. Lembrou-lhe uma bela casca de caracol, mas uma casca iluminada e aquecida a gás, pois o hidrogénio carbonado era suficiente para prover às suas necessidades de luz e calor. Passepartout encontrou facilmente, no segundo andar, o quarto que lhe era destinado. Agradou-lhe. Campainhas elétricas e tubos sonoros punham-no em comunicação com as divisões do rés do chão e do primeiro andar. Sobre a chaminé, um relógio elétrico comunicava com o relógio do quarto de Phileas Fogg, e os dois aparelhos soavam rigorosamente no mesmo segundo.

— Isto agrada-me, isto agrada-me! — disse Passepartout.

Reparou também que no seu quarto havia uma nota afixada por cima do relógio. Era o programa do serviço diário. Ia das 8h00, hora regulamentar a que se levantava Phileas

Fogg, às 11h30, hora em que saía de casa para ir almoçar ao Reform Club — com todos os pormenores do serviço, o chá e as torradas das 8h23, a água para a barba das 9h37, o penteado das 9h50, etc. A seguir, continuava das 11h30 e ia até à meia-noite, hora em que se deitava aquele metódico cavalheiro. Tudo se encontrava registado, previsto, normalizado. Passepartout alegrou-se ao analisar aquele programa e ao decorar as suas diferentes disposições.

Quanto ao guarda-roupa do senhor, estava muito bem organizado e maravilhosamente fornecido. Cada par de calças, fato ou colete tinha um número de identificação reproduzido num registo de entradas e saídas, o qual indicava a data na qual, segundo a estação, aquelas peças deveriam ser sucessivamente usadas. A mesma regra se aplicava aos sapatos.

Por fim, naquela casa de Saviile Row que devia ser o templo da desordem na época do ilustre mas indisciplinado Sheridan, a mobília oferecia conforto e revelava desafogo. Não havia biblioteca nem livros, que seriam absolutamente inúteis para o Sr. Fogg, uma vez que o Reform Club punha à sua disposição duas bibliotecas, uma dedicada às letras, a outra ao direito e à política. No quarto de dormir encontrava-se um cofre de dimensão mediana, cuja construção resistia tanto a incêndios quanto a roubos. Nenhuma arma em toda a casa, nenhum instrumento bélico ou de caça. Tudo indicava os mais pacíficos dos hábitos.

Depois de ter examinado pormenorizadamente a residência, Passepartout esfregou as mãos, esboçou um sorriso rasgado e repetiu alegremente:



— Isto agrada-me! Finalmente encontrei o que procurava. Eu e o Sr. Fogg havemos de nos entender perfeitamente! Um homem caseiro e rigoroso! Um autêntico relógio! Pois bem, não me incomoda nada servir um relógio!

### III

#### *Onde ocorre uma conversa que poderá custar caro a Phileas Fogg*

**P**hileas Fogg saíra de sua casa em Saville Row às 11h30 e, depois de ter posto 575 vezes o pé direito à frente do esquerdo e 576 vezes o pé esquerdo à frente do direito, chegou ao Reform Club, vasto edifício situado em Pall Mall cuja construção não deve ter custado menos de três milhões.

Phileas Fogg dirigiu-se imediatamente à sala de refeições, cujas nove janelas davam para um belo jardim ornado de árvores já douradas pelo outono. Então, tomou o seu lugar habitual, que já se encontrava preparado. O almoço consistia num aperitivo, num peixe cozido acompanhado por um *Reading sauce* de primeira qualidade, num rosbife corado guarnecido com cogumelos, numa tarte de caules de ruibarbo e groselhas-verdes, e num pedaço de queijo Chester — tudo acompanhado por algumas chávenas do excelente chá especialmente colhido para o serviço do Reform Club.

Às 12h47, o cavalheiro levantou-se e encaminhou-se para o salão, divisão sumptuosa, ornada de quadros dotados de molduras magníficas. Ali, um criado entregou-lhe o *Times* ainda não cortado, que Phileas Fogg desdobrou laboriosamente com uma segurança que denotava uma grande prática daquela difícil operação. A leitura do jornal ocupou Phileas Fogg até às 15h45, e a do *Standard* — logo a seguir — durou até ao jantar. Esta refeição realizou-se nas mesmas condições do almoço, com a adição do *royal british sauce*.

Às 17h40, o cavalheiro regressou ao salão e concentrou-se na leitura do *Morning Chronicle*.

Meia hora mais tarde, vários membros do Reform Club faziam a sua entrada e aproximavam-se da chaminé, onde ardia um lume de hulha. Eram os parceiros habituais do Sr. Phileas Fogg, fervorosos jogadores de *whist* como ele: o engenheiro Andrew Stuart, os banqueiros John Sullivan e Samuel Fallentin, o cervejeiro Thomas Flanagan, Gauthier Ralph, um dos administradores do Banco de Inglaterra — personagens ricas e consideradas, mesmo naquele clube que tinha entre os seus membros insígnias figuras da indústria e da finança.

— Ora então, Ralph — perguntou Thomas Flanagan —, em que ficou a história do roubo?

— Estou em crer — respondeu Andrew Stuart — que o banco não conseguirá recuperar o dinheiro.

— Espero, no entanto — disse Gauthier Ralph —, que consigamos deitar as mãos ao autor do roubo. Alguns inspetores da polícia, indivíduos bastante capazes, foram enviados aos principais portos de embarque e desembarque

da América e da Europa, pelo que será difícil que esse senhor escape.

— Mas o ladrão foi identificado? — quis saber Andrew Stuart.

— Primeiramente, não é um ladrão — retorquiu seriamente Gauthier Ralph.

— Como assim, não é um ladrão um indivíduo que se apodera de 55 mil libras em notas?

— Não — respondeu Gauthier Ralph.

— Será então um industrial? — lançou John Sullivan.

— O *Morning Chronicle* garante que se trata de um *gentleman*.

A pessoa responsável por esta última réplica não foi outra senão Phileas Fogg, cuja cabeça começava a emergir da montanha de papel amassado à sua volta. Ao mesmo tempo, Phileas Fogg não deixou de cumprimentar os colegas, que lhe retribuíram a delicadeza.

O caso de que se falava e que os vários jornais do Reino Unido discutiam acaloradamente ocorrera três dias antes, em 29 de setembro. Um maço de notas que totalizava a enorme quantia de 55 mil libras fora levado do balcão do tesoureiro-chefe do Banco de Inglaterra.

A quem quer que se espantasse com a facilidade com que tal roubo pôde ser realizado, o vice-governador Gauthier Ralph limitava-se a dizer que, naquele preciso instante, o tesoureiro se encontrava ocupado a registrar uma receita de três xelins e seis dinheiros e que não era possível dar conta de tudo.

Convém, no entanto, notar — o que torna o facto mais compreensível — que o admirável estabelecimento chamado

Bank of England parece preocupar-se muito com a dignidade dos clientes. Nenhum guarda, nenhum vigilante, nenhuma grade! O ouro, a prata, as notas ficam expostos livremente e, por assim dizer, à mercê de quem aparecer. O banco não considera aceitável suspeitar da honra dos seus clientes. Um dos melhores observadores dos costumes ingleses chega mesmo a contar o seguinte: um dia, numa das salas do banco em que se encontrava, teve a curiosidade de ver de mais perto uma barra de ouro que pesava entre sete e oito libras, a qual estava exposta no balcão do caixa; tomou a barra, examinou-a, passou-a ao vizinho, este último a outro, de tal forma que a barra, passando de mão em mão, chegou ao fundo de um corredor obscuro e só regressou ao seu lugar meia hora depois, sem que o caixa tivesse sequer erguido a cabeça.

Em 29 de setembro, no entanto, as coisas não se passaram assim. O maço de notas não regressou e, quando o magnífico relógio situado sobre o *drawing office* soou as 17 horas, indicando o fim do expediente, o Banco de Inglaterra foi obrigado a registar uma perda de 55 mil libras.

Uma vez o roubo devidamente reconhecido, foram enviados agentes, «detetives», escolhidos entre os mais competentes, a todos os principais portos, Liverpool, Glasgow, Havre, Suez, Brindisi, Nova Iorque, etc., com a promessa de, em caso de êxito, receberem um prémio de duas mil libras e cinco por cento da soma encontrada. Enquanto esperavam pelas informações resultantes da investigação imediatamente iniciada, estes inspetores tinham por missão observar escrupulosamente todos os viajantes que chegassem ou partissem.

Ora, precisamente, tal como apontava o *Morning Chronicle*, era possível supor que o autor do roubo não pertencia a nenhuma das associações criminosas de Inglaterra. Durante o dia 29 de setembro, um cavalheiro bem-posto, de boas maneiras e ar distinto, chamara as atenções enquanto deambulava pela sala dos pagamentos, palco do roubo. O inquérito permitira reconstituir de forma bastante exata as feições do dito cavalheiro, descrição que foi de imediato enviada a todos os detetives do Reino Unido e do continente. Alguns ingênuos — entre os quais se contava Gauthier Ralph — julgavam, pois, ser possível esperar que o ladrão não escapasse.

Naturalmente, este caso estava na ordem do dia em Londres, mas também em toda a Inglaterra. As pessoas discutiam, debatiam apaixonadamente as probabilidades de êxito da Polícia Metropolitana. Não será de espantar, portanto, ouvir os membros do Reform Club tratar da mesma questão, tanto mais que se encontrava no seu seio um dos vice-governadores do Banco de Inglaterra.

O respeitável Gauthier Ralph não queria pôr em causa o resultado da investigação e estimava que o prêmio oferecido deveria aguçar especialmente o zelo e a inteligência dos agentes. Mas o seu colega Andrew Stuart estava longe de sentir a mesma confiança. Assim, a discussão continuou entre os cavalheiros, que se tinham posto a uma mesa de *whist*, Stuart à frente de Flanagan, Fallentin diante de Phileas Fogg. Durante a partida, os jogadores não falavam; entre os róberes, no entanto, a conversa interrompida era retomada.

— Considero — disse Andrew Stuart — que a sorte está a favor do ladrão, que não deve deixar de ser um homem bastante capaz!

— Por favor! — retorquiu Ralph. — Já não há um único país onde ele possa refugiar-se.

— Essa agora!

— Para onde haveria ele de ir?

— Não faço ideia — respondeu Andrew Stuart. — Mas, vendo bem, a Terra é bastante vasta.

— Outrora assim era — disse, a meia-voz, Phileas Fogg. — É a sua vez de cortar, caro senhor — acrescentou então, apresentando as cartas a Thomas Flanagan.

A discussão foi interrompida durante o róber. Mas Andrew Stuart não tardou a retomá-la.

— Como assim, outrora? Acaso terá a Terra encolhido?

— Sem dúvida — replicou Gauthier Ralph. — Concordo com o Sr. Fogg. A Terra encolheu, visto que hoje em dia a percorremos dez vezes mais velozmente do que há cem anos. E é isso que, no caso em apreço, tornará a investigação mais rápida.

— E também tornará mais fácil a fuga do ladrão!

— Faça o favor de jogar, Sr. Stuart — disse Phileas Fogg.

Mas o incrédulo Stuart não estava convencido, pelo que, quando acabou a partida, continuou:

— Temos de admitir, Sr. Ralph, que encontrou uma forma caricata de dizer que a Terra é hoje menor! Atualmente, podemos dar-lhe a volta em três meses...

— Em apenas 80 dias — disse Phileas Fogg.

— Com efeito, meus senhores — confirmou John Sullivan. — Oitenta dias, e isto desde que o troço entre Rothal e

Allahabad foi aberto no Great Indian Peninsular Railway.  
Eis o cálculo que o *Morning Chronicle* estabeleceu:

De Londres a Suez, por Mont-Cenis e Brindisi, caminho  
de ferro e paquete: 7 dias.

De Suez a Bombaim, paquete: 13 dias.

De Bombaim a Calcutá, caminho de ferro: 3 dias.

De Calcutá a Hong Kong (China), paquete: 13 dias.

De Hong Kong a Yokohama (Japão), paquete: 6 dias.

De Yokohama a São Francisco, paquete: 22 dias.

De São Francisco a Nova Iorque, caminho de ferro: 7 dias.

De Nova Iorque a Londres, paquete e caminho de ferro:  
9 dias.

Total: 80 dias.

— Sim, 80 dias! — exclamou Andrew Stuart, que, por distração, cortou um trunfo. — Sem contar com o mau tempo, os ventos contrários, os naufrágios, os descarrilamentos, etc.

— Tudo incluído — corrigiu Phileas Fogg sem deixar de continuar a jogar, pois, desta vez, a conversa deixara de respeitar o *whist*.

— Mesmo que os selvagens levem os carris? — espantou-se Andrew Stuart. — Mesmo que parem os comboios, pilhem os vagões, escarpem os viajantes?

— Tudo incluído — confirmou Phileas Fogg, que, mostrando o jogo, acrescentou: — Dois trunfos.

Andrew Stuart, de quem era a vez de dar as cartas, juntou-as e disse:

— Teoricamente, tem razão, Sr. Fogg. Mas na prática...



— Na prática também, Sr. Stuart.

— Gostaria de o ver fazer isso.

— Só depende de si. Partamos.

— Deus me livre! — exclamou Stuart. — Mas não me importo de apostar quatro mil libras que uma tal viagem, feita em tais condições, é impossível.

— Pelo contrário. É muito possível — retorquiu o Sr. Fogg.

— Pois bem, prove-o!

— Que é possível dar a volta ao mundo em 80 dias?

— Sim.

— Com todo o gosto.

— Quando?

— Imediatamente.

— Mas é uma loucura! — exclamou novamente Andrew Stuart, que começava a ficar aborrecido com a insistência do colega. — Bom, mais vale jogarmos.

— Então torne a baralhar — respondeu Phileas Fogg —, pois as cartas estão mal distribuídas.

Andrew Stuart recuperou as cartas com mãos febris. Então, de repente, ao pô-las na mesa, lançou:

— Muito bem, Sr. Fogg. Confirmo: aposto quatro mil libras!

— Meu caro Stuart — disse Fallentin —, tenha calma. Não leve isto tão a sério.

— Quando digo que aposto — retorquiu Andrew Stuart —, é sempre a sério.

— Que seja — disse o Sr. Fogg, antes de se voltar para os colegas e prosseguir: — Tenho 20 mil libras depositadas no Barings Bank. Aposto-as de bom grado...

— Vinte mil libras! — espantou-se John Sullivan. — Vinte mil libras que um atraso imprevisto pode deitar a perder!

— O imprevisto não existe — retorquiu simplesmente Phileas Fogg.

— Mas, Sr. Fogg, esse lapso de 80 dias foi calculado como tempo mínimo!

— Um mínimo bem empregado basta a qualquer coisa.

— Mas, para o respeitar, seria preciso saltar matematicamente dos comboios para os paquetes, e dos paquetes para os comboios!

— Então saltarei matematicamente.

— Está a brincar!

— Um verdadeiro inglês nunca brinca quando se trata de algo tão sério quanto uma aposta — replicou Phileas Fogg.

— Aposto 20 mil libras, com quem quiser, que darei a volta ao mundo em 80 dias ou menos, ou seja, 1920 horas ou 115 200 minutos. Aceitam?

— Aceitamos — responderam os senhores Stuart, Fallentin, Sullivan, Flanagan e Ralph, depois de terem conferenciado.

— Muito bem — disse o Sr. Fogg. — O comboio para Dover parte às 20h45. Apanhá-lo-ei.

— Esta noite? — indagou Stuart.

— Esta mesma noite — respondeu Phileas Fogg. Então acrescentou, enquanto consultava um calendário de bolso: — Portanto, como hoje é 2 de outubro, quarta-feira, devo estar de regresso a Londres, nesta mesma sala do Reform Club, no dia 21 de dezembro, sábado, às 20h45. Caso contrário, meus senhores, as 20 mil libras atualmente depositadas

na minha conta no Barings Bank passarão a pertencer-vos de facto e de direito. Aqui está um cheque com esse montante.

De imediato se redigiu uma ata da aposta, que foi assinada pelos seis interessados. Phileas Fogg permaneceu impávido. Certamente não o fizera para ganhar e só apostara aquelas 20 mil libras — metade da sua fortuna — porque previa que poderia ter de gastar a outra metade para levar a cabo um projeto tão difícil, para não dizer irrealizável. Já os seus adversários pareciam comovidos, não por causa da quantia em causa, mas porque tinham escrúpulos em fazer semelhante aposta.

Soaram naquele momento as 19 horas. Propuseram então ao Sr. Fogg que se suspendesse a partida de *whist*, de modo que pudesse dar início aos preparativos da viagem.

— Estou sempre preparado — respondeu o impassível cavalheiro. E, dando as cartas, prosseguiu: — Tenho ouros. É a sua vez de jogar, Sr. Stuart.

## Uma obra imprescindível de Júlio Verne, um dos escritores mais traduzidos e admirados em todo o mundo.

A aventura deste livro começa quando Phileas Fogg, um jovem cavalheiro britânico, dono de uma vida regrada e solitária, aposta com os membros do seu clube que é possível dar a volta ao mundo em oitenta dias. E logo parte, acompanhado apenas do seu fiel criado, Passepartout.

Utilizando todos os meios de transporte existentes (do elefante e do barco ao comboio), estes dois intrépidos companheiros de viagem vão acompanhar os leitores numa emocionante aventura, cheia de imprevistos e lugares surpreendentes.

*A Volta ao Mundo em 80 Dias* foi adaptado ao cinema, banda desenhada, teatro, televisão, desenhos animados e videojogos.

«Não é possível falar da sua obra sem mencionar a sua criatividade, o seu carácter pioneiro ao associar aventura, fantástico e ficção científica, e a sua previsão de invenções científicas que se concretizariam ao longo do século xx.»

*in* Prefácio de Tiago Marques

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-464-6</p> <p>11+</p>  <p>9 789897 074646</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---